

ço da nossa vida), *samsara* (transmigração das almas), *ahimsa* (não-violência) ... Diz-se o que é o *yoga*, possível caminho para se chegar ao Brahma. Por fim, elencam-se os ideais da ética hindu.

O terceiro capítulo, agrupamento de outra série de perguntas e respostas, aborda os livros sagrados. Sabemos que os principais são os Vedas. Mas existem outros escritos, como os famosos *Upanishads* (ensinamentos colhidos junto dos mestres), ou os poemas épicos (*Mahabharata*, *Bhagavadgita*, *Ramayana*)...

Serve o capítulo seguinte para agrupar as perguntas e respostas referentes aos mitos, às festas e aos ritos. E assim vão aparecendo alusões às origens e fim do mundo, ao caráter sagrado da vaca...; também às divindades (dos “trinta mil deuses” caminha-se para o Absoluto ou realidade suprema que se desdobra numa Trimurti – Brahma, Vishnu e Shiva); ainda aos sete rios do hinduísmo (sendo o Ganges certamente o mais conhecido), às cidades (sobressai Benares) e montanhas sagradas (Himalaya, monte Kailas); das festas, sublinham-se a Mahashivarati (a criação a unir-se e a louvar o deus Shiva) e a Naba Barsha (entrada no ano novo); no setor dos ritos sublinha-se a importância das mandalas (instrumentos de meditação e oração); seguem-se comentários à sacralidade dos alimentos, aos templos hindus e modo como estes se constroem...

A obra que trazemos em apreço prossegue falando de religiões afins ao hinduísmo, das correntes místicas que o hinduísmo inspira e, ainda, de novos movimentos religiosos surgidos no seio do hinduísmo.

Nem sempre é fácil, a um europeu ocidental, adentrar-se na cultura oriental, concretamente na religiosa. A transposição de conceitos, a compreensão de uma men-

talidade tão diversa da nossa, os nomes tão díspares dos nossos e tão difíceis de pronunciar... tudo isso complica o nosso acesso ao “mundo outro” do lado de lá. Ora este livro, sendo claro na linguagem, decifrando muito bem os termos, as palavras, os conceitos, juntando até no fim um “vocabulário”, é, sem dúvida um ótimo contributo, uma excelente ajuda ao conhecimento dessa grande religião eu é o hinduísmo.

PAULO ABREU

Nicolas Steeves, *Grâce à l'imagination. Intégrer l'imagination en théologie fondamentale*, Paris: Cerf, col. Cogitatio Fidei 299, 2016, ISBN 978-2-204-10774-7, 454pp.

Estamos perante um excelente estudo sobre um tema pouco frequente em teologia: a imaginação. Isso não significa, como se pode verificar pelo estudo, que seja um tema menor. O propósito é simples e claro: explorar a possibilidade e a necessidade de fazer da imaginação um assunto significativo no interior da teologia fundamental. Aí, a questão em análise será relacionada com as questões da revelação e da fé, mas também com a questão da epistemologia teológica – contexto em que, tradicionalmente, a filosofia coloca precisamente o tratamento do tópico da imaginação.

Para atingir esse propósito, o autor – jesuíta que atualmente ensina na Universidade Gregoriana – divide o percurso em três grandes partes: numa primeira, estuda os prolegómenos da questão, apoiando-se na filosofia e na Escritura; numa segunda parte, organiza uma proposta especificamente teológico-fundamental, explorando o lugar da imaginação na relação com a revelação, com a fé e com a cultura; numa

terceira parte, comprova a tese avançada em alguns campos de aplicação, que denomina lugares específicos da teologia (*loci theologici*).

Na abordagem filosófica opta por uma divisão histórica que distingue pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade. É uma divisão demasiado simplista mas permite compreender o processo histórico da colocação do tema. É claro que não falta um pequeno estudo sobre Kant, naturalmente dos mais importantes na abordagem do assunto.

Quanto à Escritura, a opção vai no sentido de duas formas fundamentais de linguagem: a linguagem apocalíptica e a linguagem parabólica; opção certamente compreensível, pois permite tomar consciência do lugar que a imaginação ocupa no texto escriturístico, o que nem sempre é pensado explicitamente.

Na parte especificamente teológico-fundamental, o autor apresenta a proposta original de um modelo “imaginal” de compreensão da revelação e da fé, testando esse modelo através de uma verificação, o que permite compreender as suas forças e as suas fraquezas. Trata-se do capítulo academicamente mais fértil, pois avança uma proposta original que permite reler as categoria fundamentais da teologia através de uma chave pouco habitual.

A última parte é, do ponto de vista do impacto sobre o mundo contemporâneo, a mais interessante. De facto, nela avançam-se leituras da aplicação do tópico da imaginação em campos da vida de fé muito significativos: nomeadamente a espiritualidade (nomeadamente de raiz inaciana), a liturgia (centrada na questão da corporeidade e do rito) e a ética (onde a questão da imaginação tem sido mais aprofundada, nomeadamente pela filosofia).

Trata-se de um estudo muito sugestivo e completo, com frequente recurso a textos da grande tradição teológica, nomeada-

mente a textos patrísticos, que permite reler os grandes temas teológicos a uma outra luz. Deseja-se o aprofundamento e o desenvolvimento de alguns tópicos apenas enunciados.

JOÃO MANUEL DUQUE

Xavier Dijon, *La religion et la raison. Normes démocratiques et traditions religieuses*, Paris: Cerf, 2016, ISBN 978-2-204-10589-7, 326 pp.

Este veterano jesuíta, professor emérito da universidade de Namur, na Bélgica, apresenta aqui uma recolha de escritos em torno a uma questão fundamental: qual o contributo da religião – concretamente do cristianismo – para o debate público, a respeito das nossas compreensões do mundo (o que genericamente se pode enquadrar sob o nome de “razão”)? Ao mesmo tempo, é claro, coloca-se a questão inversa: qual o lugar da reflexão pública e racional no modo como se elaboram compreensões religiosas do mundo?

Logo pelo modo como se abre o volume e se coloca o próprio estado da questão se percebe que não se trata de abordagens estritamente filosóficas e teológicas, por assim dizer em estado puro. O ponto de partida é o enquadramento político-social das questões, nomeadamente no debate público próprio das sociedades democráticas que constituem o mundo denominado ocidental, nos tempos mais recentes. Em discussão está a própria compreensão da modernidade e do lugar que nela pode ocupar a questão religiosa e as religiões concretas.

Uma segunda parte é dedicada ao estudo da identidade cristã, partindo da sua raiz hebraica (sobretudo quanto ao conceito de pessoa e à noção correlativa de falta ou culpa). Explora-se a novidade cristã, sobre-